

Capítulo 1

Evangeline

Evangeline Fox sempre acreditou que um dia se encontraria dentro de um conto de fadas. Quando menina, sempre que um novo carregamento de curiosidades chegava à loja de seu pai, Evangeline corria imediatamente para as caixas. Ela examinava cada item dentro e se perguntava: Será que é isso? Poderia ser este o objeto que a lançaria em uma fantasia?

Antigamente havia um caixote enorme com apenas uma maçaneta dentro. A maçaneta era de um verde requintado e brilhava na luz como mágica. Evangeline estava convencida de que se ela fosse fixada na porta certa, ela se abriria para outro mundo e seu conto de fadas começaria.

A maçaneta, infelizmente, nunca abriu para nada fora do comum. Mas Evangeline nunca perdeu a esperança de que algum dia ela se encontraria em outro lugar.

Esperar, imaginar e acreditar na magia sempre foi como respirar para Evangeline. E, no entanto, de repente foi muito difícil respirar quando ela finalmente se viu em outro lugar, envolta nos braços de um jovem bonito que disse ser seu marido.

Marido. A palavra fez sua cabeça girar. Como? Como? Como? Ela estava muito sobrecarregada para perguntar mais do que uma palavra. Na verdade, ela não conseguia nem falar em voz alta.

Se ela não estivesse sendo segurada, Evangeline poderia ter caído de volta no chão. Era muito para absorver e muito para perder, tudo de uma vez.

Uma das últimas coisas de que ela se lembrava era de estar sentada com o pai enquanto ele morria em casa. Mas mesmo essa memória estava esfarrapada nas bordas. Como se sua morte fosse parte de um retrato desbotado, só que não estava apenas desbotado - pedaços dele também foram impiedosamente arrancados. Ela não conseguia se lembrar claramente dos meses anteriores à morte do pai ou de qualquer coisa que tivesse acontecido depois. Ela nem se lembrava de como ele pegou a febre que o matou.

Tudo o que ela sabia era que, assim como sua mãe, seu pai havia partido — e já fazia algum tempo.

“Eu sei que isso deve ser assustador. Imagino que você se sinta sozinha, mas não está, Evangeline. O estranho que disse ser seu marido a abraçou com mais força.

Ele era alto, o tipo de altura que fazia Evangeline se sentir pequena enquanto ele a segurava perto o suficiente para ela sentir que ele estava tremendo também. Ela não imaginava que ele estivesse tão aterrorizado quanto ela, mas claramente ele não se sentia tão confiante quanto parecia. “Você me tem – e não há nada que eu não faria por você.”

“Mas não me lembro de você”, disse ela. Ela estava um pouco relutante em se afastar. Mas foi tudo tão avassalador. Ele era esmagador.

Uma linha profunda se formou entre as sobrancelhas do estranho quando ela se afastou. Mas ele respondeu pacientemente, sua voz baixa e suave ao dizer: "Meu nome é Apollo Acadian."

Evangeline esperou novamente por um sinal de reconhecimento, ou mesmo apenas uma pequena faísca. Ela precisava de algo familiar, algo para se segurar que a impediria de cair de volta no chão, e Apolo olhou para ela como se quisesse ser isso. Ninguém nunca tinha olhado para ela com tanta intensidade.

Ele a fez pensar em um herói de um conto de fadas. Ombros largos com mandíbula forte, olhos escuros ardentes e roupas que falavam do tipo de riqueza que evocava imagens de baús de tesouro e castelos. Ele usava um casaco vermelho escuro de gola alta com ricos bordados dourados cobrindo os punhos e os ombros. Por baixo havia uma espécie de gibão — pelo menos ela achava que era assim que se chamava. Os homens da casa de Valenda vestiam-se de maneira bem diferente.

Mas claramente, ela não estava mais lá. O pensamento trouxe uma nova onda de pânico que fez com que suas palavras saíssem apressadas.

"Como vim parar aqui? Como nos conhecemos? Por que não me lembro de você?" ela perguntou.

"Suas memórias foram roubadas por alguém que está tentando nos separar." Algo cintilou nos olhos castanhos de Apolo, embora ela não pudesse dizer se era raiva ou dor.

Evangeline desejou poder se lembrar dele. Mas quanto mais ela tentava, pior ela se sentia. Sua cabeça doía e seu peito parecia vazio, como se ela tivesse perdido mais do que apenas suas memórias. Por um segundo a agonia foi tão profunda e tão brutal que ela apertou o coração, meio que esperando encontrar um buraco irregular. Mas não havia ferida. Seu coração ainda estava lá; ela podia senti-lo batendo. No entanto, por um momento devastador, Evangeline imaginou que não deveria ter sido assim, que seu coração deveria estar tão partido quanto ela se sentia.

Então a atingiu, não um sentimento, mas um pensamento — um pensamento agudo e fragmentado.

Ela tinha algo importante para contar a alguém.

Evangeline não conseguia se lembrar do que era, mas sentia como se todo o seu mundo dependesse daquilo que precisava compartilhar. Só de pensar nisso fez seu sangue disparar. Ela tentou se lembrar o que era esse algo que ela precisava dizer e a quem ela precisava contar - poderia ser esse Apolo?

Poderia ser por isso que suas memórias foram roubadas?

"Por que alguém está tentando nos separar?" Evangeline perguntou.

Ela poderia ter feito ainda mais perguntas. Ela poderia ter perguntado mais uma vez como eles se conheceram e há quanto tempo estavam casados, mas Apolo de repente pareceu nervoso.

Ele lançou um olhar furtivo por cima do ombro de Evangeline antes de dizer calmamente: “É complicado”.

Ela seguiu o olhar dele até a estranha porta de madeira contra a qual ela estava enroscada. De cada lado da porta havia dois anjos guerreiros feitos de pedra, embora parecessem mais realistas do que as esculturas de pedra deveriam parecer. Suas asas estavam estendidas e salpicadas de sangue seco. A visão disso trouxe outra pontada em seu peito, como se seu corpo ainda se lembrasse, embora sua mente tivesse esquecido.

“Você sabe o que aconteceu aqui?” ela perguntou.

Por uma fração de segundo, algo passou pelo rosto de Apolo que quase parecia culpa, mas poderia ter sido apenas tristeza. “Eu prometo, responderei a todas as perguntas que você tiver. Mas agora precisamos sair daqui. Precisamos sair antes que ele volte.

“Quem é ele?”

“O vilão que apagou todas as suas memórias.” Apolo pegou a mão de Evangeline, segurando-a firmemente enquanto a conduzia rapidamente para fora da sala com a porta e os anjos guerreiros.

A luz granulada do fim da manhã iluminava prateleiras com manuscritos amarrados com fitas e borlas. Parecia que estavam em uma biblioteca antiga, embora os livros parecessem mais novos à medida que se aventuravam.

Os pisos mudaram de pedra empoeirada para mármore reluzente, os tetos ficaram mais altos, a luz tornou-se mais nítida, os manuscritos transformaram-se em volumes encadernados em couro. Evangeline mais uma vez tentou procurar algo familiar no brilho do fim da manhã. Algo que possa fazê-la lembrar. Sua cabeça estava mais clara agora, mas nada lhe era familiar.

Ela estava realmente em outro lugar, e parecia que já estava há tempo suficiente para conhecer heróis e vilões e se encontrar em uma batalha entre eles.

“Quem era ele?” ela pressionou. “Aquele que roubou minhas memórias?”

Os passos de Apolo vacilaram. Então eles melhoraram mais rápido do que antes. “Eu prometo que vou te contar tudo, mas devemos sair daqui...”

“Oh meu Deus!” alguém exclamou.

Evangeline se virou e viu uma mulher de túnica branca parada entre as prateleiras de livros. A mulher – uma espécie de bibliotecária, Evangeline supôs – levou a mão à boca enquanto

olhava. Sua expressão era de admiração, olhos arregalados e inabaláveis enquanto se agarravam a Apolo.

Outra bibliotecária entrou no corredor. Este engasgou e desmaiou imediatamente, deixando cair uma pilha de livros enquanto o primeiro bibliotecário gritava: “É um milagre!”

Mais bibliotecários e estudiosos se apresentaram, todos gritando exclamações semelhantes.

Evangeline se curvou em direção a Apolo enquanto eles eram rapidamente cercados. Primeiro pelos bibliotecários, depois pelos criados e cortesãos. Finalmente, por guardas de peito largo e armaduras brilhantes que entraram correndo, sem dúvida atraídos por todo o clamor.

A sala em que estavam tinha pelo menos quatro andares de altura, mas de repente parecia pequena e sufocante à medida que mais e mais pessoas desconhecidas se aproximavam deles.

"Ele voltou . . ."

"Ele está vivo . . ."

"É um milagre!" todos repetiram, as vozes tornando-se reverentes enquanto as lágrimas começaram a brilhar pelas bochechas.

Evangeline não sabia o que estava acontecendo. Ela sentiu como se estivesse testemunhando o tipo de coisa que geralmente acontecia numa igreja. Seria possível que ela tivesse se casado com um santo?

Olhando para Apolo, ela tentou lembrar o sobrenome dele. Acadiano, foi o que ele disse a ela. Ela não conseguia se lembrar de uma única história sobre um Apolo Acadian, mas claramente havia histórias. Ao conhecê-lo, ela imaginou que ele fosse algum tipo de herói, mas a multidão olhou para ele como se ele fosse ainda mais.

"Quem é você?" Evangeline sussurrou.

Apolo levou a mão dela aos lábios e deu um beijo nos nós dos dedos que a fez estremecer. “Eu sou aquele que nunca mais deixarei ninguém te machucar.”

Algumas pessoas próximas suspiraram ao ouvir as palavras.

Então Apolo levantou a mão livre em direção à multidão barulhenta em um gesto que universalmente significava silêncio.

Aqueles reunidos imediatamente caíram em silêncio. Alguns até caíram de joelhos.

Foi estranho ver tantas pessoas ficarem quietas tão rapidamente – elas nem pareciam respirar quando a voz de Apolo soou acima de suas cabeças.

“Posso ver que alguns de vocês estão tendo dificuldade em acreditar no que veem. Mas o que você está vendo é real. Eu estou vivo. Quando você sair desta sala, diga a todos que você vê que o Príncipe Apolo morreu e depois passou pelo inferno para voltar aqui.”

Príncipe. Evangeline mal teve tempo de processar a palavra e tudo o que a acompanhava, pois quase assim que Apolo falou, ele soltou a mão de Evangeline e rapidamente tirou o gibão de veludo, seguido pela camisa de linho.

Vários dos reunidos engasgaram, incluindo Evangeline.

O peito de Apolo era perfeito, liso e esculpido em músculos, e sobre seu coração havia uma tatuagem vibrante de duas espadas em forma de coração com um nome no centro: Evangeline.

Até aquele momento, tudo parecia um sonho febril do qual ela poderia ter acordado. Mas o nome dela em seu peito parecia permanente de uma forma que as palavras de Apolo não pareciam. Ele não era um estranho. Ele a conhecia intimamente o suficiente para marcar seu nome em seu coração.

Ele se virou então, exibindo outra visão que surpreendeu não só ela, mas toda a multidão. As costas lindas, orgulhosas e retas de Apolo estavam cobertas por uma teia de cicatrizes violentas.

“Essas marcas são o preço que paguei para voltar!” ele chorou. “Quando digo que passei pelo inferno, estou falando sério. Mas eu tive que voltar. Eu tive que consertar os erros cometidos na minha ausência. Sei que muitos acreditam que foi meu irmão, Tibério, quem me matou, mas não foi.”

Sussurros chocados percorreram a multidão.

“Fui envenenado por um homem que pensei ser um amigo”, rugiu Apolo. “Lorde Jacks é o homem que me matou. Depois roubou as memórias da minha noiva, Evangeline. Não vou descansar até que Jacks seja encontrado e ele pague por seus crimes com a vida!

Capítulo 2

Evangeline

Vozes ecoavam nas paredes das extensas estantes enquanto a biblioteca explodia em barulho. Guardas armados juraram encontrar o criminoso Lord Jacks, enquanto cortesãos polidos e estudiosos vestidos de manto disparavam perguntas como chuvas de flechas.

“Há quanto tempo você está vivo, Alteza?”

“Como você voltou do inferno, Lorde Príncipe?”

“Por que Lord Jacks roubou suas memórias?” Esta pergunta, feita por um cortesão mais velho, foi dirigida a Evangeline e pontuada por um olhar penetrante.

“Chega”, Apollo interrompeu. “Eu não contei a você sobre o horror que minha esposa passou para que ela pudesse ser atacada com perguntas que ela não tem ideia de como responder. Compartilhei esta informação porque quero que Lord Jacks seja encontrado, vivo ou morto. Embora neste momento eu preferisse que ele morresse.

“Não vamos falhar com você!” gritaram os guardas.

Mais declarações envolvendo justiça e Jacks sacudiram as antigas prateleiras da biblioteca e bateram na cabeça de Evangeline, e de repente foi demais. O barulho, as perguntas, a enxurrada de rostos desconhecidos, a história de Apollo sobre como passou pelo inferno.

Mais foi dito, mas as palavras passaram a zumbir em seus ouvidos.

Evangeline queria se apegar a Apollo – ele era tudo o que ela tinha nesta nova realidade. Mas ele também era um príncipe poderoso, o que o fazia sentir-se menos como ela e mais como todo mundo. Ela estava com medo de incomodá-lo com mais perguntas, embora tivesse tantas. Ela ainda nem sabia onde estava.

De onde estava, Evangeline podia ver um assento oval na janela, escondido sob um arco de estantes de livros. A janela era de um vidro azul-claro e macio, e do lado de fora havia árvores verdes, altas como torres, cobertas por uma pitoresca camada de neve. Raramente nevava em Valenda, e nunca nevava tanto assim, como se o mundo fosse um bolo e a neve fosse pedaços de uma espessa cobertura branca.

Como ela já havia notado antes, a moda aqui também era diferente. Os guardas pareciam cavaleiros de histórias antigas e os cortesãos usavam roupas formais semelhantes às de Apollo. Os homens vestiam gibões, enquanto as mulheres usavam vestidos elaborados de veludo com decotes fora dos ombros e cinturas caídas, decoradas com cintos de brocado ou colares de pérolas.

Evangeline nunca tinha visto pessoas vestidas assim. Mas ela tinha ouvido histórias.

Sua mãe nasceu no Magnífico Norte e ela contou a Evangeline inúmeras histórias sobre esta terra, contos de fadas que faziam parecer que era o lugar mais encantado de todo o mundo.

Infelizmente, Evangeline não se sentiu nada encantada neste momento.

Apollo encontrou o olhar dela e se afastou da multidão cada vez menor que os cercava. Parecia que as pessoas já tinham saído para espalhar a notícia de que o Príncipe Apollo estava de volta dos mortos. E por que não? Evangeline nunca ouviu falar de alguém voltando dos mortos. Um pensamento que a fez sentir-se muito pequena ao lado dele.

Apenas algumas pessoas permaneceram, mas Apollo ignorou todas elas enquanto olhava nos olhos de Evangeline. “Não há nada para você ter medo.”

“Não tenho medo”, ela mentiu.

“Você está me olhando de forma diferente.” Ele sorriu para ela então, um sorriso tão encantador que ela se perguntou como não soube imediatamente o que ele era.

“Você é um príncipe”, ela guinchou.

Apolo sorriu ainda mais. "Isso é um problema?"

“Não, eu. . . só... Evangeline quase disse que nunca se imaginou casada com um príncipe.

Mas é claro que ela tinha. Só que sua imaginação não era tão elaborada assim. Isso estava além de todos os sonhos pastel que ela já tivera com a realeza, castelos e lugares distantes. Mas ela teria trocado tudo para lembrar como chegou aqui, como se apaixonou e se casou com esse homem e perdeu o que parecia ser parte de seu coração.

Então ela percebeu. Nos contos de fadas, sempre houve um preço para a magia. Nada veio sem custo; os camponeses que se transformavam em princesas sempre tinham que pagar. E de repente Evangeline se perguntou se suas memórias perdidas seriam o preço que ela pagara por tudo isso.

Ela havia trocado suas memórias, junto com parte de seu coração, para estar com Apollo? Ela poderia ter sido tão tola?

O sorriso de Apollo suavizou-se, passando de provocador a tranquilizador. Quando ele falou, suas palavras também foram mais gentis, como se ele sentisse parte do que ela estava sentindo. Ou talvez fosse apenas porque ele a conhecia bem, embora ela não o conhecesse. Ele tinha o nome dela tatuado em seu coração.

“Vai ficar tudo bem”, disse ele calmamente, com firmeza. “Eu sei que é muita coisa para absorver. Odeio deixar você, mas há algumas coisas que preciso cuidar e, enquanto faço isso, meus guardas estão prontos para escoltar você até sua suíte. Mas tentarei não deixá-lo sozinho por muito tempo. Eu prometo, não há nada mais importante para mim do que você.”

Apolo deu outro beijo em sua mão e deu-lhe uma última olhada antes de partir, seguido por seus guardas pessoais.

Evangeline ficou ali, sentindo-se subitamente sozinha e repleta de mais perguntas do que respostas. Se Apollo tivesse acabado de voltar dos mortos, como ele já sabia o que havia acontecido com ela? Talvez ele estivesse errado sobre Lord Jacks ter roubado suas memórias, e Evangeline estivesse certa sobre tê-las trocado tolamente – o que a deixou se perguntando se poderia trocá-las de volta.

Esta questão a assombrava enquanto ela seguia os guardas que Apollo lhe designara através do castelo. Eles não falaram muito, mas disseram a Evangeline que o castelo de Apollo se chamava Wolf Hall. Tinha sido construído pelo primeiro rei do Magnífico Norte, o

famoso Wolfric Valor, fazendo-a pensar em todas as histórias do Norte contadas pela sua mãe.

Comparado ao local onde Evangeline cresceu, o Norte parecia incrivelmente velho, como se cada pedra sob seus pés guardasse um segredo de uma época passada.

Um corredor estava repleto de portas com maçanetas muito elaboradas. Um tinha a forma de um pequeno dragão, outro parecia asas de fada e depois havia uma cabeça de lobo com uma linda coroa de flores. Eram esses os tipos de maçanetas que a tentavam a puxá-los e a faziam suspeitar que poderiam estar um pouco vivas, como o sino pendurado do lado de fora da porta da loja de curiosidades de seu pai.

Evangeline sentiu uma pontada de tristeza ao pensar nisso – não apenas na campainha, mas na loja, nos pais e em tudo o que ela havia perdido. Foi uma torrente vertiginosa que a atingiu tão de repente que ela não percebeu que havia parado de se mover até que um guarda com um grosso bigode vermelho se aproximou e disse: “Você está bem, Alteza? Você precisa de um de nós para carregá-lo?”

“Ah, não”, disse Evangeline, instantaneamente mortificada. “Meus pés funcionam muito bem. É tanta coisa para absorver. O que é esse salão?”

“Esta é a ala dos Valors. A maioria das pessoas pensa que estes eram os quartos das crianças Valor, embora ninguém saiba ao certo. Essas portas permaneceram trancadas desde que morreram.”

Mas você poderia nos abrir.

A voz estranha soou como se viesse de uma das portas. Evangeline olhou para cada um de seus guardas, mas nenhum deles parecia ter ouvido. Então ela fingiu que também não tinha ouvido. Evangeline já estava em uma situação difícil. Ela não precisava piorar as coisas dizendo que ouvia vozes vindas de objetos inanimados.

Felizmente isso não aconteceu novamente. Quando os guardas finalmente pararam em frente a um par de portas duplas ornamentadas, as maçanetas enfeitadas brilharam, mas não disseram uma palavra. Houve apenas um leve barulho quando eles se abriram para o conjunto de quartos mais opulento que Evangeline já tinha visto.

Foi tudo tão lindo que ela sentiu como se harpas devessem tocar e pássaros cantassem. Tudo era brilhante, dourado e coberto de flores. Havia ramos de lírios arlequim emoldurando a lareira de dois andares e vinhas de estrelas brancas enroladas nos pilares da cama. Até mesmo a grande banheira de cobre que Evangeline avistou no banheiro estava cheia de flores – a água fumegante dentro dela era violeta e coberta de suaves pétalas brancas e rosa.

Evangeline foi até a banheira e mergulhou os dedos na água. Tudo foi perfeito.

Até as criadas que entraram para ajudá-la a tomar banho e se vestir eram perfeitamente adoráveis. Havia também um número surpreendente deles, quase uma dúzia. Eles tinham

vozes doces e mãos gentis que a ajudaram a vestir um vestido tão delicado quanto um sussurro.

O vestido era uma confecção de tule blush com ombros largos e mangas transparentes adornadas com fitas rosa escuro. As mesmas fitas cobriam o decote do vestido antes de se enrolarem em pequenos botões de rosa que cobriam o busto do corpete justo. A saia fluía e flutuava até os dedos dos pés de Evangeline. Uma empregada completou o look trançando o cabelo rosa dourado de Evangeline em uma coroa e depois decorando-o com uma tiara de flores douradas.

“Se é que posso dizer, você está adorável, Alteza.”

"Obrigado-"

“Martine”, a empregada forneceu antes que Evangeline tivesse que se atrapalhar para tentar encontrar o nome. “Eu também sou originalmente do Império Meridiano. Sua Alteza o príncipe pensou que me ter aqui poderia ajudá-lo a se ajustar um pouco mais.”

“Parece que o príncipe é muito atencioso.”

“Eu acho que, quando se trata de você. . . ele tenta pensar em tudo.

Martine sorriu, mas um pouco de hesitação em suas palavras deu a Evangeline um segundo de pausa, uma sensação que dizia que Apolo era bom demais para ser verdade. Isso tudo foi.

Quando Evangeline estava sozinha e se olhou no espelho, ela viu o reflexo de uma princesa. Isso era tudo que ela poderia querer.

No entanto, ela não se sentia como uma princesa.

Ela se sentia como a ideia de uma princesa, com o vestido, o príncipe e o castelo, mas também se sentia sem. Ela se sentia como se estivesse simplesmente vestindo uma fantasia, como se tivesse assumido um papel do qual poderia simplesmente sair, só que não havia outro lugar para onde ir. Porque ela também não se sentia a garota que era antes, a garota eternamente esperançosa que acreditava em contos de fadas, amor à primeira vista e felizes para sempre.

Se ela fosse aquela garota talvez fosse mais fácil aceitar tudo isso, não querer fazer tantas perguntas.

Mas algo aconteceu com aquela garota – com ela. E Evangeline não pôde deixar de pensar que isso ia além das memórias perdidas.

Seu coração ainda doía, como se tivesse sido quebrado e restassem apenas pedaços irregulares. Ela colocou a mão sobre ele, como se quisesse evitar que mais pedaços se quebrassem. E mais uma vez, ela foi atingida pela sensação inescapável de que entre tudo

o que ela havia esquecido havia uma coisa mais importante que todo o resto, mais importante que qualquer coisa.

Havia algo absolutamente vital que ela precisava contar a alguém. Mas por mais que tentasse, não conseguia lembrar o que era ou a quem precisava contar.

Capítulo 3

Evangeline

Evangeline tinha apenas uma vaga consciência do sol poente e do lento escurecimento de seus quartos enquanto caminhava pelos tapetes, lutando desesperadamente para se lembrar de alguma coisa. Ela esperava que quando Apolo voltasse, ele pudesse lhe dar mais respostas. Mas quando a porta de seus aposentos finalmente se abriu, em vez do príncipe, ela foi saudada por um médico idoso e alguns de seus aprendizes mais jovens.

“Meu nome é Dr. Irvis Stillgrass”, disse o médico sênior, um homem barbudo com óculos na ponta do nariz pontudo. “Telma e Yrell são meus aprendizes.” Ele acenou para os outros. “Sua Alteza queria que fizéssemos algumas perguntas para ver quantas de suas memórias foram tiradas.”

“Você tem alguma maneira de trazê-los de volta?” Evangeline perguntou.

Dr. Stillgrass, Telma e Yrell franziram os lábios ao mesmo tempo. Uma resposta que Evangeline considerou significar não. Ela não ficou surpresa, o que foi quase igualmente perturbador. Evangeline quase sempre se sentia esperançosa, mas hoje não conseguia reunir essa esperança. Mais uma vez, ela se perguntou o que havia acontecido com ela.

“Por que você não se senta, princesa.” O Dr. Stillgrass apontou para uma cadeira estofada perto do fogo, que Evangeline obedientemente ocupou.

Os médicos permaneceram de pé, elevando-se sobre ela enquanto o Dr. Stillgrass fazia suas perguntas.

“Quantos anos você tem?”

“Eu sou . . .” Evangeline teve que fazer uma pausa para pensar sobre isso. Uma de suas últimas lembranças claras era de quando ela tinha dezesseis anos. Seu pai ainda estava vivo e ela se lembrava vagamente dele sorrindo ao abrir uma nova caixa de curiosidades. Mas isso era tudo que ela conseguia lembrar.

O resto da memória estava borrado nas bordas, como um vidro sujo que dava a impressão de uma imagem sem realmente mostrar o que era. Evangeline tinha certeza de que seu pai havia morrido alguns meses depois dessa memória fraca, mas não conseguia se lembrar de nenhum detalhe. Ela simplesmente sabia em seu coração que ele havia partido e que mais tempo havia passado desde então. “Acredito que tenho dezessete anos.”

Telma e Yrell pareciam fazer anotações sobre sua resposta, enquanto o Dr. Stillgrass fazia outra pergunta. “Quando é a sua primeira lembrança de conhecer o Príncipe Apollo?”

"Hoje." Evangelina fez uma pausa. “Você sabe quando realmente nos conhecemos?”

“Estou aqui para perguntar, não para responder”, disse o Dr. Stillgrass rapidamente antes de continuar com suas perguntas: Ela se lembrava de seu noivado com Apollo, de seu casamento, da noite em que ele morreu?

"Não."

"Não."

"Não."

Era a única resposta que Evangeline tinha, e sempre que ela tentava reverter as perguntas, o Dr. Stillgrass recusava-se a responder.

Em algum momento da entrevista, um novo cavalheiro entrou na sala. Evangeline nem o viu entrar, mas de repente ele estava lá, logo atrás de Telma e Yrell. Ele estava vestido muito parecido com eles, com uma longa túnica de couro marrom usada sobre calças pretas justas e amarrada com duas tiras de couro que prendiam uma série de facas e frascos em um quadril e um arnês para um livro no outro. O livro parecia estar em suas mãos agora, mas algo na maneira como ele anotava as coisas em seu caderno era diferente dos outros aprendizes.

Este jovem escrevia com um floreio, balançando a pena de uma forma que continuava atraindo os olhos de Evangeline. Quando ele a pegou olhando, ele piscou e levou um dedo aos lábios, gesticulando para ela não contar.

E por alguma razão, ela não o fez.

Evangeline tinha a sensação de que esse homem não deveria estar ali, apesar de seu estilo de vestir semelhante. Mas ele era o único deste grupo que parecia sentir alguma coisa por ela enquanto ela lutava por respostas. Ele acenou com a cabeça encorajadoramente, sorriu para ela com simpatia e sempre que o Dr. Stillgrass dizia algo particularmente desagradável, ele revirava os olhos.

“Posso confirmar que suas memórias do ano passado desapareceram completamente”, disse o Dr. Stillgrass, arrogante e bastante insensível. “Relataremos isso a Sua Alteza, e um de nós retornará todos os dias para ver se alguma lembrança volta.”

O trio de médicos virou-se para sair. O Dr. Stillgrass passou pelo jovem sem olhar, mas Yrell e Telma finalmente o notaram.

“Doutor...” Telma começou.

Mas Yrell, que parecia um pouco deslumbrado com o intruso, puxou a manga do roupão, impedindo-a de dizer mais alguma coisa enquanto o trio saía.

Apenas o jovem sem nome permaneceu.

Ele caminhou até Evangeline e tirou um cartão retangular vermelho do bolso.

“Eu não teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos”, disse ele suavemente. “Sinto muito pela perda de suas memórias. Se você quiser conversar e talvez responder a algumas perguntas, talvez eu possa preencher algumas lacunas para você.

Ele entregou-lhe o cartão.

Kristof Knightlinger

Torre Sul da Vigília da Manhã

As torres

“Que tipo de perguntas. . . ?” Evangeline começou a perguntar ao terminar de ler o curioso cartão.

Mas o cavalheiro já havia partido.

O fogo crepitava.

Evangeline acordou assustada, embora não pretendesse adormecer. Ela estava encolhida na cadeira ao lado da lareira, onde ficou intrigada com o pequeno cartão vermelho de Kristof Knightlinger. Ela ainda podia senti-lo em sua mão.

Ela também podia sentir outra coisa. Os braços de um homem deslizando sob ela, pegando-a cuidadosamente e segurando-a perto de um baú que cheirava a bálsamo e algo amadeirado.

Apolo.

Seu estômago afundou.

Ela não tinha certeza se era Apollo quem a estava pegando. Seus olhos ainda estavam fechados e ela estava tentada a continuar assim. Ela não sabia por que tinha essa vontade de fingir ou por que seu coração batia mais rápido enquanto ele a carregava. Apollo precisava ter respostas para pelo menos algumas de suas perguntas. No entanto, ela sentiu inesperadamente medo de perguntar a eles.

Ela não tinha certeza se era porque ele era um príncipe ou porque ainda era um estranho.

Seus braços se apertaram ao redor dela. Evangeline ficou tensa. Mas então, de repente, ela sentiu como se estivesse começando a se lembrar de algo. Não havia muita coisa ali,

apenas uma vaga lembrança de ter sido segurado e carregado, seguida de um pensamento.

Ele a levaria através de mais do que apenas águas geladas. Ele a puxaria através do fogo se fosse necessário, arrastá-la-ia das garras da guerra, da queda de cidades e da destruição de mundos... . .

O pensamento fez algo se abrir dentro dela e, por um segundo, Evangeline se sentiu segura. Mais do que seguro, na verdade. Mas ela não tinha palavras para descrever o sentimento exato. Ela só sabia que não era algo que ela tivesse experimentado antes – esse profundo nível de proteção.

Lentamente, ela abriu os olhos. Lá fora já era noite plena, e lá dentro só havia luz de fogo, deixando a maior parte do quarto envolta em sombras, exceto pelo príncipe que a segurava. A luz se agarrou a ele, dourando as pontas de seu cabelo escuro e seu queixo forte enquanto ele a levava para a cama.

“Sinto muito”, Apollo murmurou. “Eu não queria te acordar, mas você parecia desconfortável na cadeira.”

Gentilmente ele colocou Evangeline sobre uma colcha felpuda. Então ele deu um beijo rápido em sua bochecha. Era tão suave que ela poderia não ter sentido se não estivesse tão consciente de cada movimento dele, do lento deslizamento de suas mãos quentes liberando seu corpo. “Bons sonhos, Evangeline.”

"Espere." Ela agarrou a mão dele.

A surpresa coloriu brevemente suas feições. "Você queria que eu ficasse?"

Sim, provavelmente deveria ter sido a resposta dela.

Eles eram casados.

Ele era um príncipe.

Um príncipe comandante.

Um príncipe muito atraente.

Um príncipe com quem ela poderia ter sacrificado muito para estar.

Ele acariciou a mão dela com o polegar, esperando pacientemente pela resposta dela.

“Lamento não me lembrar de você, estou tentando”, ela sussurrou.

“Evangeline.” Apollo apertou levemente a mão dela. “A última coisa que quero é que você sinta dor, e posso ver o quanto dói ter esquecido tanto. Mas se você nunca se lembrar, tudo ficará bem. Faremos novas memórias juntos.”

“Mas eu quero lembrar.” E mais do que isso, ela sentiu como se precisasse se lembrar. Ela ainda sentia a necessidade urgente de contar a alguém algo extremamente importante, mas não conseguia se lembrar do que era esse algo crucial ou a quem precisava contar. “E se houver uma maneira de recuperar minhas memórias?” ela perguntou. “Talvez possamos fazer algum tipo de acordo com o homem que os levou.”

“Não.” Apolo balançou a cabeça veementemente. “Mesmo que isso fosse possível, não valeria a pena o risco. Lord Jacks é um monstro — acrescentou asperamente. “Ele me envenenou em nossa noite de núpcias e incriminou você pelo assassinato. Enquanto eu estava morto, você quase foi executado. Jacks não tem consciência nem remorso. Se eu pensasse por um segundo que ele poderia ajudá-la, faria o que fosse necessário para trazê-lo até você. Mas se ele encontrar você, temo nunca mais ver você...”

Apollo respirou fundo e, quando falou mais uma vez, sua voz estava mais suave. “Só posso imaginar o quão difícil é deixar isso passar, mas realmente pode ser o melhor, Evangeline. Jacks fez coisas atroz e imperdoáveis com você, e eu realmente acredito que você ficaria mais feliz se essas coisas permanecessem esquecidas.

Capítulo 4

Apolo

O falecido rei Roland Titus Acadian sempre desdenhou a palavra simpático. Nice era para servos, camponeses e outras pessoas sem personalidade. Um príncipe deveria ser inteligente, formidável, sábio, astuto e até cruel, se fosse necessário, mas nunca gentil.

O rei Rolando costumava dizer a seu filho Apolo: “Se você é bom, significa que não é suficiente para mais nada. As pessoas são legais porque devem ser, mas como príncipe você deve ser mais.”

Quando menino, Apolo considerou esse conselho uma licença para ser descuidado com a vida e com os outros. Ele não era cruel, mas também não personificava nenhuma das outras virtudes que seu pai exaltava. Apolo sempre imaginou que teria tempo para se tornar inteligente, formidável, sábio ou astuto. Nunca lhe ocorreu que, entretanto, ele estava se tornando outra coisa.

Apolo percebeu essa verdade alarmante ao acordar do estado suspenso de sono em que seu antigo amigo, Lord Jacks, o colocara. Ao descobrir que todo o Magnífico Norte acreditava que ele estava morto, Apolo esperava encontrar monumentos de flores e flores. bastiões de enlutados teimosos que continuaram a chorar por ele, embora o período oficial de luto tivesse terminado.

Em vez disso, ele descobriu que o reino já havia seguido em frente. No espaço de duas semanas, ele se tornou uma nota de rodapé, lembrado como uma única palavra comum em uma folha de escândalo.

Enquanto estava sob a maldição do Arqueiro, ele se deparou com este escândalo em particular no dia seguinte ao de ter sido supostamente morto. O jornal mencionou apenas que ele havia morrido. Apenas uma palavra, amado, foi usada para descrevê-lo, mas foi isso. O jornal nada dizia sobre seus grandes feitos ou atos de bravura. E como poderia ter acontecido, quando a maior parte do que ele fez foi posar para retratos?

Apollo mal conseguia suportar a visão das fotos agora, enquanto caminhava por Wolf Hall a caminho de se encontrar com o Sr. Kristof Knightlinger do The Daily Rumor.

Esta era sua segunda chance de finalmente melhorar, como seu pai havia insistido. Após seu chocante retorno dos mortos ontem, Apolo percebeu a maneira diferente como as pessoas o viam. As vozes eram mais baixas, as cabeças se curvavam mais rapidamente e os olhos estavam cheios de admiração, como se ele fosse mais do que um mero mortal.

E ainda assim ele nunca se sentiu mais humano, mais vulnerável ou mais miserável.

Era tudo uma mentira. Ele nunca voltou dos mortos. Ele simplesmente foi amaldiçoado, e amaldiçoado, e amaldiçoado novamente. Agora, pela primeira vez em quase três meses, ele não estava mais sob nenhum feitiço e, ainda assim, sentia-se amaldiçoado pelo que fizera a Evangeline.

Apolo pensou que, uma vez livre da maldição do Arqueiro, pensaria menos nela. A maldição o forçou a caçá-la. Sob sua influência, ele pensava nela a cada segundo. A cada momento, ele se perguntava onde ela estava e o que estava fazendo. Havia uma imagem constante de seu rosto angelical em sua mente. Tudo o que ele queria era ela – e quando a encontrou, tudo o que ele queria era eviscerá-la.

Agora ele ainda a queria, mas de uma forma diferente. Quando ele a viu, ele não quis matá-la. Ele queria protegê-la. Para mantê-la segura.

Foi por isso que ele apagou suas memórias.

Ele sabia que era o melhor. Jacks a enganou, assim como enganou Apollo para ser seu amigo. Se Evangeline caísse novamente sob o domínio de Jacks, ele apenas a destruiria. Mas Apolo a faria feliz. Ele faria dela uma rainha que seria amada e adorada. Ele iria mais do que compensar o que fez com ela no passado, desde que ela nunca descobrisse.

Se ela descobrisse que ele havia levado suas memórias, tudo desmoronaria.

Apenas uma outra pessoa sabia que Apollo havia levado suas memórias. Depois de hoje, se tudo corresse bem, ele não teria que se preocupar com aquela pessoa. E no que diz respeito a encontrar Jacks, Apollo esperava que a entrevista desta manhã ajudasse nisso.

Finalmente ele chegou à pequena sala da torre onde havia combinado que essa reunião acontecesse. Normalmente ele preferia ambientes mais grandiosos: salas amplas com muita luz e janelas e ornamentações que tornavam impossível esquecer que Apolo era da realeza. Mas hoje ele escolheu uma sala sem adornos na torre para garantir que ninguém ouvisse a conversa que ele teria.

Kristof Knightlinger levantou-se e fez uma reverência assim que o príncipe entrou na sala. “É bom vê-lo vivo e com uma aparência tão excelente, Alteza.”

“Tenho certeza de que meu retorno também será bastante útil para a venda de papéis”, respondeu o príncipe. Ele ainda pode ter ficado um pouco amargo com a pequena fanfarra que recebeu após sua morte.

É claro que o jornalista não pareceu notar.

Kristof sorriu com entusiasmo. Ele sempre parecia estar de bom humor. Seus dentes eram tão brancos quanto o jabot rendado em sua garganta. “Esta entrevista também ajudará. Obrigado por reservar um tempo para se encontrar comigo esta manhã. Eu sei que meus leitores têm muitas perguntas sobre como você voltou dos mortos, como foi estar morto, se você conseguiu observar algum de nós que ainda estava vivo.”

“Não responderei a nenhuma dessas perguntas hoje”, disse Apollo bruscamente.

O sorriso do jornalista desapareceu.

“Gostaria que seu artigo se concentrasse nos atos desonrosos de Lord Jacks e em como é importante que ele seja capturado imediatamente.”

“Vossa Alteza, não tenho certeza se você está ciente, mas já mencionei seus crimes no jornal desta manhã.”

“Então mencione-os novamente e torne-os mais feios desta vez. Até que esse criminoso seja preso, quero que seus crimes sejam publicados todos os dias. Quero que o nome dele se torne sinônimo de vil. Isto não é só para mim, é para a Princesa Evangeline e todo o Magnífico Norte. Assim que ele for pego, você poderá fazer sua entrevista e responderei às perguntas que desejar. Mas até lá, vou pedir que você publique o que preciso que você diga.”

“Claro, Alteza”, disse Kristof com um sorriso agradável.

Mas não era o mesmo sorriso de antes. Este não era seu bom humor natural. Este era um sorriso bonito que existia apenas porque Apollo era um príncipe e não havia nada que Kristof pudesse fazer a não ser sorrir.

Apollo sentiu algo como culpa se revirar dentro dele ao ver isso. Por um segundo, ele considerou suavizar suas exigências. Então ele se lembrou do que seu pai havia dito sobre nunca ser gentil.

Após seu encontro com Kristof, Apollo quis verificar Evangeline. Havia criados, é claro, que lhe forneciam atualizações sobre ela. Até agora, ele foi informado de que ela estava saudável e bem, e ainda sem nenhuma lembrança.

Apollo esperava que depois do aviso da noite anterior, ela desistisse de qualquer ideia de perseguir suas memórias. Mas a Evangeline que ele conhecia não desistia. Ela encontrou uma maneira de curá-lo da maldição do Arqueiro, e ele imaginou que, se tivesse uma chance, ela também encontraria suas memórias perdidas. Portanto, Apollo não planejou dar uma chance a ela.

Ele já havia tomado providências para garantir que ela estivesse totalmente ocupada esta manhã. Ele teria preferido ocupar o tempo dela, mas haveria oportunidades para isso mais tarde.

Primeiro, havia mais um assunto para cuidar.

O Conselho das Grandes Casas.

Ontem ele se encontrou com alguns membros para provar que não era um impostor e que realmente havia retornado dos mortos. Depois disso, houve uma longa discussão sobre o que fazer com o verdadeiro herdeiro impostor que tentou roubar seu trono. Isso, no entanto, revelou-se totalmente desnecessário, pois o filhote parecia ter fugido em algum momento durante a discussão.

Parecia que o herdeiro impostor havia sido avisado por alguns servos apaixonados por ele.

Apollo havia enviado vários guardas atrás dele, mas o impostor não era sua prioridade por enquanto.

O príncipe diminuiu o passo ao chegar à porta que dava para a câmara onde o conselho se reunia. A sala do outro lado sempre lembrava a Apollo uma taça gigante de estanho. As paredes eram ligeiramente arredondadas e o ar era sutilmente prateado, dando a tudo uma qualidade afiada e semelhante a uma espada. No centro da sala havia uma mesa envelhecida de carvalho branco que supostamente existia desde os dias do primeiro rei do Magnífico Norte, Wolfric Valor, um homem rude de outra época que agora estava sentado na extremidade da mesa. .

Toda a conversa parou assim que Apollo entrou na sala. Mas ficou claro pelo quadro que até aquele momento a conversa girava inteiramente em torno do mais novo membro do conselho – o famoso Wolfric Valor. Embora apenas Apollo soubesse quem realmente era Wolfric. Ninguém mais no conselho sabia que Wolfric, junto com toda a família Valor, havia sido trancafiado no Valory até o dia anterior.

Wolfric agora atendia pelo nome de Lord Vale. E, no entanto, todos os homens e mulheres presentes na mesa do conselho ainda se inclinavam ou se inclinavam em sua direção. O que era bom – tornava muito mais fácil o que Apollo precisava fazer. Mas também foi um pouco enervante ver a forma como o conselho respondeu ao lendário primeiro rei do Norte, mesmo sem saber quem ele realmente era.

“Aqui está ele, retornando dos mortos!” — berrou Wolfric, seguido por palmas que se espalharam como fogo até que todos os membros do conselho se levantaram e aplaudiram enquanto o Príncipe Apollo caminhava em direção à mesa de carvalho branco.

Wolfric piscou. Somos aliados, dizia o gesto. Estamos juntos nisto. Amigos.

Mas Apolo conseguia lembrar-se muito recentemente de como o seu último amigo o traía. Se Wolfric decidisse fazer o mesmo, Apolo não seria páreo para ele e sua famosa família. Tudo o que Apolo podia fazer agora era manter sua palavra e esperar que Wolfric também o fizesse.

“Vejo que muitos de vocês já conheceram nosso mais novo membro do conselho”, disse Apolo, formulando-o intencionalmente como uma declaração em vez de uma pergunta.

Embora Apolo ainda não tivesse sido oficialmente coroado rei, ele ainda tinha mais poder do que o conselho. No Magnífico Norte, um príncipe não poderia se tornar rei até se casar. Mas essa lei, assim como sua próxima coroação, foi principalmente para exibição. Eventos reais como coroações e Noite Neverending tornaram os príncipes queridos por seu povo e encheram os reinos de esperança e amor.

Dito isto, o Conselho das Grandes Casas não era totalmente impotente. Eles não poderiam impedir Apolo de nomear uma nova Casa Grande, mas poderiam brigar com ele por isso e, no processo, desenterrar verdades perigosas que Apolo não queria arriscar que alguém descobrisse.

A última coisa que ele precisava era que o reino soubesse que os lendários Valors haviam retornado dos mortos e agora estavam se passando pela Casa Vale.

Ele estava morto há apenas algumas semanas, mas o mundo acreditava que os Valors estavam mortos há centenas de anos.

Apolo ainda estava lutando para entender o fato de que as histórias dos Valory eram verdadeiras e que os Valors estavam trancados dentro dela. Ele odiava imaginar que tipo de confusão o reino faria se descobrissem. E ele nem queria pensar nas perguntas que Evangeline faria se descobrisse que foi ela quem destrancou o Arco de Valory.

Parecia que seu irmão, Tiberius, estava certo sobre o que ela faria o tempo todo.

Apolo só esperava que Tibério estivesse errado sobre o que aconteceria depois que o arco fosse aberto.

“Lorde Vale e sua família estavam lá quando voltei dos mortos,” Apolo explicou suavemente, já que isso era parcialmente verdade. Honora Valor, esposa de Wolfric, o curou da maldição do Arqueiro e da maldição do espelho. Ele realmente se sentia em dívida com ela, tornando fácil dizer com sinceridade: “Sem esta família, talvez eu não estivesse aqui hoje. Como recompensa, decidi fazer deles uma Grande Casa e presenteá-los com terras onde possam cuidar dos outros da mesma maneira que cuidaram de mim.

Por um momento todo o conselho ficou em silêncio. Apolo podia ver que, embora os membros tivessem sido atraídos por Wolfric antes, eles estavam incertos sobre esse homem urso e ainda mais nervosos com a proclamação de Apolo.

Apolo nunca concedeu a honra de Casa Grande a uma família, nem seu pai antes dele ou o pai de seu pai antes dele. Foi bastante simples de fazer, mas depois de feito, foi muito difícil desfazer. Dar poder era algo muito mais fácil do que retirá-lo.

Embora Apollo pudesse sentir que cada membro do conselho temia que esta declaração tivesse tirado o poder deles.

Ele quase conseguia ver as perguntas na ponta da língua: você acabou de voltar dos mortos. Você tem certeza de que isso é sábio? Você está planejando fazer outras Grandes Casas? Como você sabe que esta casa realmente merece ser Grande – ser uma de nós?

“Minha família está grata por sua generosidade, Alteza. É realmente uma honra estar neste conselho entre tantos homens e mulheres excelentes.” A voz de Wolfric era suave, mas seu olhar era firme e inabalável enquanto olhava ao redor do conselho. Um por um, ele encontrou os olhos de cada membro, e mais do que alguns pareciam prender a respiração.

Quando menino, Apolo ouviu inúmeras histórias sobre esse homem. Foi dito que Wolfric Valor poderia derrubar exércitos inteiros com um grito de guerra e arrancar as cabeças dos inimigos com as próprias mãos. Ele uniu os clãs guerreiros do Norte para formar um reino e construiu Wolf Hall como presente de casamento para sua esposa depois de roubá-la de outro.

Superficialmente, o homem diante dele não parecia tão ameaçador quanto as histórias afirmavam. Apolo era mais alto e vestia roupas muito mais finas. No entanto, Wolfric possuía aquela coisa indefinível de que seu pai sempre falara. Wolfric incorporou tudo o que Apollo nunca tentou ser.

O conselho não disse uma palavra até que finalmente Wolfric os libertou de seu olhar.

Foi Lord Byron Belleflower quem falou então. “Bem-vindo ao conselho, Lorde Vale. Espero que você já tenha sido informado de todos os assuntos recentes do reino. Existem algumas outras questões importantes que devem ser discutidas hoje.”

Belleflower virou-se para Apollo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Curse For True Love / 4 Capítulos" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).